

DIRETORA EDITORIAL**Beverly J. Robinson-Rumble****DIRETOR ASSOCIADO****Enrique Becerra****ASSESSORES****Humberto M. Rasi
C. B. Rock****REPRESENTANTES****Carlos Archbold**
América Central**Roberto de Azevedo**
América do Sul**Roberto Badenas**
Euro-África**Lester Devine**
Sul do Pacífico**C. Garland Dulan**
Associação Geral**John M. Fowler**
Associação Geral**Stephen Guptill**
Ásia-Pacífico Sul**M. C. John**
Ásia do Sul**Hudson E. Kibuuka**
África Oriental**Harry Mayden**
Euro-Ásia**Richard Osborn**
América do Norte**Percy Peters**
África do Sul**Emilienne Rasamoely**
África-Oceano Índico**Masayi Uyeda**
Ásia-Pacífico Norte**Orville Woolford**
Europa do Norte**DIAGRAMAÇÃO****Glen Milam**

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA publica artigos sobre temas de interesse para os educadores adventistas. As opiniões dos contribuidores não representam necessariamente as idéias dos redatores ou a posição oficial do Departamento de Educação da Associação Geral.

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA é publicada pelo Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, E.U.A.; telefone: (301) 680-5062; fax: (301) 622-9627.

Copyright © 1999 General Conference of Seventh-day Adventists.

Ensinemos os Alunos a Pensar!

A história acontece com demasiada frequência. De fato, ela aconteceu três vezes comigo recentemente. Em todos os casos, eu havia entrado numa loja, uma das quais estava relacionada com o ramo educacional, para fazer uma compra. A pessoa da caixa havia registrado eletronicamente a informação necessária para completar minha compra. Depois que os totais tinham sido determinados, dei a ela dinheiro suficiente para completar a transação e mais algumas moedas a fim de receber troco exato em notas. Em todos os três casos, a pessoa da caixa teve que digitar novamente a transação ou calcular a nova informação fazendo uso de alguma forma de assistência eletrônica. Nenhuma das caixas parecia capaz de saber o troco necessário usando apenas o cálculo mental.

Pensei sobre essas três pessoas diversas vezes. Será que somente eu noto essas coisas por ter sido professor de matemática, ou será que outros vêem o mesmo tanto de exemplos de ortografia incorreta, frases preposicionais fora de lugar ou perguntas como: “Onde fica o Iraque?” Já cheguei a perguntar a mim mesmo: “Será que esta aparente inabilidade de fazer cálculos mentais diz algo a respeito daquilo que ocorre nas salas de aula de matemática hoje em dia?” “Será que os professores tornaram os seus alunos tão dependentes do apoio eletrônico que sua capacidade mental está atrofiada?” “É isto sintoma de um problema maior, a incapacidade de ensinar como pensar criticamente?” “Será que os alunos estão ficando preguiçosos e portanto deixam de usar a mente?” Baseado na minha extensa visitação de salas de aula e trabalho de avaliação, decidi que a resposta para todas essas perguntas é “Sim”. Se minhas conclusões estão corretas, gostaria de pedir que cada leitor reflita sobre o que se passa na sua sala de aula.

A educação adventista tem por muito tempo como uma das importantes metas ensinar os alunos a pensar.

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisa da Natureza e na revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á, fortalecer-se-á. Em vez de pusilâmines educados, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de

pensamento, e coragem nas suas convicções. — Ellen G. White, *Educação*, págs. 17 e 18.)

Pelo aluno que está sempre aprendendo, nova luz, novas idéias, novos tesouros da verdade serão encontrados e acolhidos com avidez. Ele pensa; as leis da mente requerem que ele pense. O intelecto humano se expande, se revigora e se torna cada vez mais agudo quando é utilizado vigorosamente. A mente precisa trabalhar senão ela definha. Ela morrerá de carência se não receber tópicos frescos sobre os quais pensar. A menos que seja forçada a pensar vigorosamente, ela certamente perderá sua capacidade de pensar. (Ellen G. White, Carta 33, 27/02/1886, para um pastor que estava trabalhando na Europa.)

Educadores podem ensinar seus alunos a pensar. Jovens podem fazer cálculos mentais, soletrar palavras corretamente, construir sentenças gramaticais e adquirir um senso geral da geografia mundial sem uma calculadora eletrônica, um programa computadorizado de correção de ortografia ou gramática ou um programa de atlas para “Windows”.

O ensinar os alunos a pensar se torna ainda mais crítico se olharmos mais de perto o que a Sra. White queria dizer. As duas frases “pensantes e não meros refletores” e “sua capacidade de pensar” não descrevem a habilidade de memorizar. Ao contrário, elas demandam que os professores ajudem seus alunos a desafiar seu pensar, expandindo seus modos de pensar e exercitando processos de pensamento mais elevados, contemplando a Deus e Sua criação. Será que a educação adventista de hoje está se concentrando nesses assuntos, ou está enroscada nos detalhes técnicos de ensinar os alunos a apertar o *mouse* e usar botões que ativam eletronicamente uma calculadora? Ao reavaliarem os objetivos da sua classe, eu os desafio a tirar o pó dos verdadeiros objetivos de “pensamento”, reincorporá-los nas lições de hoje e inspirar seus alunos a pensar por si mesmos.

—Reo E. Ganson